

Contribuições de uma mulher negra, do século XIX, para a cidadania no ensino de ciências

Contributions of a 19th-century black woman to citizenship in science education

*Verônica Maria de Moraes Alexandre Santana*¹

*Regina Célia de Sousa*²

*Maria Consuelo Alves Lima*³

Resumo: Este estudo objetivou desenvolver uma reflexão antirracista para o ensino de ciências, a partir da figura de uma mulher negra que viveu na região do litoral ocidental maranhense – atual cidade de Guimarães – e de seu papel na sociedade da época. Na pesquisa foram analisados romances e poemas da maranhense Maria Firmina dos Reis, professora e escritora antiescravagista que viveu no século XIX e abordou o tema da escravidão de maneira genuína, com o protagonismo que atravessou as barreiras do patriarcado com sutileza, sapiência e sabedoria. A conduta e o posicionamento dessa maranhense, propostos para discussão no contexto escolar, a partir do ensino de ciências, ensinam sobre a necessidade de criar representação positiva sobre o negro e o indígena; lutar pela equidade de gênero; e despertar para valorização de conhecimentos científicos e culturais de pessoas de raízes africanas e indígenas.

Palavras-chave: protagonismo feminino; ensino de ciências antirracista; identidade; Maranhão.

Abstract: This study aimed to develop an anti-racist reflection for science teaching, based on the figure of a black woman who lived in the western coastal region of Maranhão – currently the city of Guimarães – and her role in society at the time. The research analyzed novels and poems by Maria Firmina dos Reis, an anti-slavery teacher and writer from Maranhão who lived in the 19th century and addressed the issue of slavery in a genuine manner, with a leading role that crossed the barriers of patriarchy with subtlety, wisdom and wisdom. The conduct and positioning of this woman from Maranhão, proposed for discussion in the school context, based on science teaching, teach about the need to create positive representations of black and indigenous people; fight for gender equality; and awaken the appreciation of scientific and cultural knowledge of people with African and indigenous roots.

Keywords: Female protagonism; Anti-racist Science Teaching; Identity; Maranhão.

¹ Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática. Professora da Secretaria de Educação do Estado do Maranhão-SEDUC/MA. E-mail: veraalexandresantana@gmail.com.

² Doutorado em Ciências e Engenharia dos Materiais. Professora do Departamento de Física da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: sregina@ufma.br.

³ Doutorado em Física. Pós-doutorado em Ensino e Práticas Culturais. Professora do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: mca.lima@ufma.br.

INTRODUÇÃO

Este estudo se deu com base em um caso histórico, que se passou em uma região situada no litoral ocidental do estado do Maranhão, Brasil – conhecida atualmente por Floresta dos Guarás –, situada na Amazônia Legal. O nome da região faz alusão à presença de grande quantidade da ave guará (*Eudocimus ruber*), que exibe plumagem vermelha atribuída à sua alimentação baseada em crustáceos, como o caranguejo e o camarão, segundo Muniz e Ferreira (2014). O caso foi utilizado para refletir sobre o ensino de ciências como uma experiência curricular de forma multidimensional, antirracista e descolonizadora.

A Floresta dos Guarás era ocupada primitivamente pelos povos tupinambás, que, a partir de 1613, foram perseguidos pelos franceses – e, posteriormente, em 1619, cruelmente combatidos pelos portugueses, o que ocasionou o desaparecimento desses habitantes originários em parte do território. As terras desse povo dizimado foram ocupadas por um português e, depois, transformadas em fazendas por seus herdeiros, para o cultivo de arroz, mandioca e cana-de açúcar, com uso da exploração de mão de obra escrava. Nessas terras, os invasores construíram

engenhos, desenvolveram o fabrico do açúcar e da farinha de mandioca, utilizando, para os serviços pesados da lavoura, os escravos africanos trazidos da costa do Douro e Daomé (Guiné⁴). Os negros foram de vital importância para o povoamento do Município, pois constituíram famílias, dando origem a povoações (Maranhão, 2022).

Este estudo surgiu da percepção de demandas sociais históricas no ensino de ciências da natureza e foi orientado pela pergunta: como trabalhar questões sociais sobre igualdade de gênero, discriminação racial e identidade no ensino de ciências? O estudo teve amparo na Lei n.º 10.639/03 (Brasil, 2003), atualizada pela Lei n.º 11.645/2008 (Brasil, 2008), que estabeleceu obrigatoriedade de ensino sobre aspectos da história e da cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros, no âmbito de todo o currículo escolar. Nesses atos, o estado brasileiro reconhece e explicita a necessidade de estabelecer relações de aspectos culturais antirracistas e inclusivos com o ensino das ciências da natureza, previsto desde os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental (Brasil, 1998, p. 33), quando considera a necessidade de “compreender Ciência como um processo de produção de conhecimento e uma atividade humana, histórica, associada a aspectos de ordem social, econômica, política e cultural”. Entretanto, estudos recentes (Müller *et al.*, 2021; Silva; Araújo, 2023; Sousa; Silva; Santos, 2020) mostram que ainda há muitas dificuldades para que uma pedagogia étnico-racial se faça presente no contexto escolar brasileiro, especialmente, no ensino de disciplinas das ciências da natureza.

Na perspectiva de contemplar uma educação para o exercício da cidadania no ensino das ciências naturais, buscaram-se, na cultura local, fatos históricos da cultura afro-brasileira como tema transversal no ensino das ciências naturais, como possibilidade de contribuir com articulações para superar o racismo estrutural brasileiro. Esse tipo de ação é importante, especialmente, devido à frequência com que

ensino e aprendizagem acrítico [*sic*] de Ciências engajam professores(as) e estudantes na manutenção do racismo. Isso porque o ensino de Ciências incorpora uma forma de propaganda racista sutil, difícil de ser detectada, principalmente tendo em vista que essa forma de conhecimento é comumente percebida como politicamente neutra (Verrangia, 2014, p. 11).

⁴ Guiné – situada no Golfo da Guiné e que também era conhecida por Costa da Mina – refere-se à região que atualmente é constituída por Benim (antiga Daomé), Tongo e parte de Gana, na parte ocidental do continente africano. Da parte costeira dessa região, conhecida pelos portugueses por Costa do Ouro, fazia-se o tráfico de escravos vindos de diferentes regiões do continente africano (Costa [...], 2021; Miller, 2017).

A Ciência necessita ser compreendida como uma ação humana, que carrega com ela os interesses, a cultura e a ideologia de quem a constrói. Por isso, há necessidade de o ensino contribuir para a educação afirmativa, de dar possibilidade de os estudantes refletirem sobre aspectos étnico-raciais da Ciência, tendo em vista a desconstrução de estereótipos racistas na construção e na valorização das múltiplas manifestações – notadamente nas ciências da natureza – presentes na cultura brasileira. O olhar para a região Floresta dos Guarás – também conhecida como Reentrâncias Maranhenses –, que tem uma população, majoritariamente, afrodescendente, tem a intenção de pensar a educação com práticas antirracistas e com equidade de gênero no ensino de ciências. De acordo com Ferreira (2000), a formação da população maranhense é uma consequência do intenso tráfico de pessoas trazidas do continente africano para serem escravizadas no País entre os séculos XVIII e XIX. Desde então, os afrodescendentes têm enfrentado constantes discriminações raciais no território brasileiro, de forma aberta ou encoberta.

Neste estudo, uma mulher negra, que viveu no século XIX, aparece como um exemplo de luta e de resistência dos afrodescendentes contra as forças escravagistas impostas e adotadas neste país – e que continuam fortemente presentes sobre a população negra, de forma velada ou declarada. De acordo com Ferreira (2000), desde o apogeu do afluxo de escravos negros, situado entre 1701 e 1810, o regime escravagista provoca sofrimentos pelas ilações de uma sociedade racista, desigual e violenta.

É fato que a história das mulheres tem sido engrandecida nos últimos anos com estudos, em diferentes países, que partem de releituras da história e do gênero feminino e buscam denunciar a tenaz desigualdade de gênero. Scott (1992) mostra que, ao longo da história, houve três fases que registram a evolução das denúncias: a década de 1960, o ponto de partida da política feminista; o fim da década de 1970, momento de ampliação desse campo; e a década de 1980, em que há conquista do próprio espaço das mulheres e evolução do feminismo para o estudo de gênero. Mas a história da mulher também é analisada para além da evolução do movimento feminista da década de 1960. O tema “mulher” pode ser tratado a partir do olhar para as categorias que emergem desse tema, como: quem é essa mulher? De onde ela vem? É nessa direção que foi desenvolvido este estudo, em que o enfoque é dado à *mulher negra*, que, entre as categorias, é uma das mais discriminadas, especialmente, por carregar o peso da cor da pele – e, segundo Mignolo (2017), também tem um passado marcado pela violência da colonialidade como matriz ou padrão colonial de poder.

Contra a construção da invisibilidade da mulher e, principalmente, contra o apagamento das lutas de resistência das mulheres negras, apresenta-se um exemplo simbólico de protagonismo feminino, Maria Firmina dos Reis, mulher negra, professora e escritora antiescravagista que viveu no século XIX. Uma mulher que, se hoje vivesse, seria reconhecida por lutas decoloniais. A sua essência já compunha sua existência. Não por acaso, em suas obras enfatiza a igualdade entre raças – ao afirmar que os “negros não poderiam ser escravizados, uma vez que as almas são iguais” (Simões, 2012, p. 17), o que demonstra a dimensão do seu espírito abolicionista. Era defensora da igualdade entre brancos e negros e da negação da ideologia da inferioridade feminina (Cruz; Matos; Silva, 2018).

A FORÇA DE UMA MULHER NEGRA E ANTIRRACISTA NO SÉCULO XIX

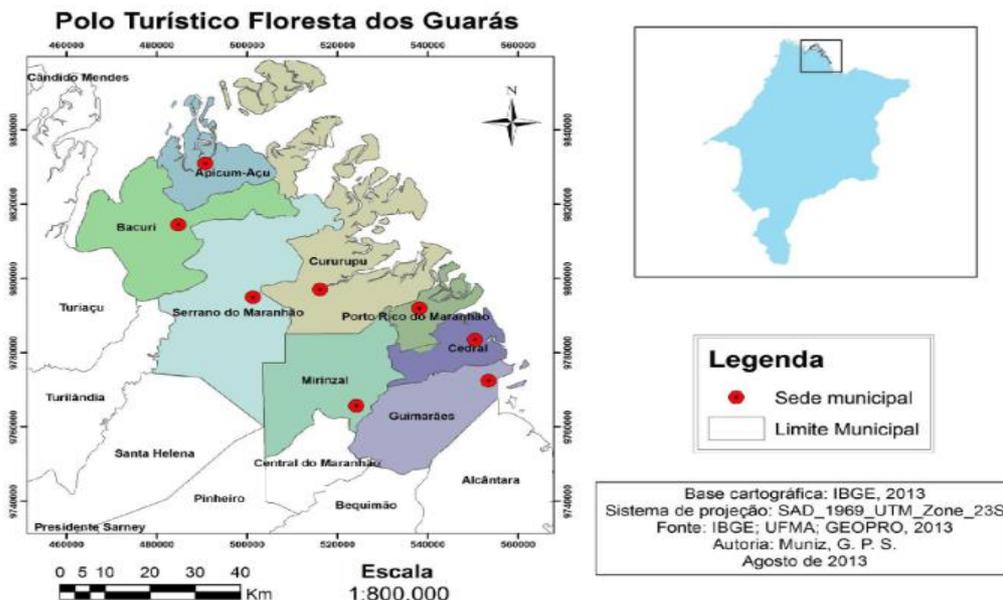
Conhecer a vida e a obra de Maria Firmina dos Reis – uma mulher negra, escritora e antirracista – faz o leitor se sentir totalmente contagiado pela grandeza de seu pensamento e pela força que emana dos seus escritos, que conduzem a um universo de profunda reflexão. Inicialmente, ela situa o leitor no seu lugar de fala, no contexto social e subjetivo em que ele vive. Depois, ela o leva a revisitar as suas próprias raízes, sua própria ascendência, e correlacionar concepções e posturas com a urgente necessidade de efetivar posicionamentos e pensamentos *outros* (Walsh, 2019). A inspiração advém dessa mulher atemporal, ousada no

pensamento e na maestria como expressava em seus textos – ao discorrer sobre a opressão feminina e seu desejo de emancipação – a contestação da cultura patriarcal (Carvalho, 2018b).

O olhar para a romancista passou pela obra *Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida*, do maranhense Moraes Filho (1975), e por outros escritores que se debruçaram a conhecer essa afrodescendente – nascida em 11 de março de 1822, na ilha de São Luís, no estado do Maranhão – e a escrever sobre ela (Gomes, 2022; Muzart, 2000; Nascimento, 2009). Atualmente, no dia 11 de março, em sua homenagem, é comemorado o Dia da Mulher Maranhense. A escritora era filha da escrava alforriada Leonor Felipa dos Reis e, possivelmente, de João Pedro Esteves, um homem rico da região (Moraes Filho, 1975). Aos 5 anos de idade, mudou-se para a Vila de São José de Guimarães, incorporada à Comarca de São Luís do Maranhão e, posteriormente, chamada Vila de Guimarães do Cumã, da qual se originou o atual município de Guimarães – mostrado na Figura 1 –, que é parte da região Floresta dos Guarás.

Maria Firmina dos Reis, uma menina negra e bastarda, cresceu na Vila de Guimarães acompanhada da avó, da mãe, da irmã Amália Augusta e de sua prima Balduína. Com apenas 22 anos de idade, após aprovada em concurso público, a Jovem Maria assume a Cadeira de Instrução Primária na Vila de São José de Guimarães e torna-se a primeira professora efetiva a fazer parte do quadro do magistério maranhense. Exerceu essa função de professora até o início de 1881, ano em que se aposentou e fundou, no vilarejo de Maçaricó, a primeira escola mista e gratuita do estado, onde se dedicou a ensinar os filhos de lavradores e dos donos de terras da região. Na época, a repercussão da escola desagradou a uma parte da sociedade daquela região, o que levou à proibição de suas atividades apenas dois anos e meio após seu início. Quando faleceu, em 11 de novembro de 1917, aos 95 anos, encontrava-se cega e pobre. Sua obra parecia ter sido esquecida, mas, em 1962, é posta em evidência novamente pelo historiador Horácio de Almeida (1896-1983) (Moraes Filho, 1975).

Figura 1. Municípios que constituem a Floresta dos Guarás, incluindo Guimarães, no estado do Maranhão



Fonte: Muniz e Ferreira (2014, p. 4)

Nas suas quatro obras publicadas – três romances/contos e um livro de poesias –, Maria Firmina dos Reis dá voz às mulheres. Nos romances, em que há representação de destaque para as três raças (indígena nativo, negro escravizado e branco colonizador), as mulheres ocupam posições de protagonistas. A primeira obra publicada em livro, o romance *Úrsula* (Reis,

1859), foi assinada com o pseudônimo “Uma Maranhense”. Naquela época, quando as mulheres viviam submetidas a inúmeras limitações e preconceitos, “a ausência do nome, somada à indicação da autoria feminina, alia-se ao tratamento absolutamente inovador dado ao tema da escravidão no contexto do patriarcado brasileiro” (Duarte, 2009, p. 265). Em *Úrsula*, no olhar de Morais Filho (1975), a descrição de dois tipos de mulheres e a educação que cada uma recebia revelam, de forma lacônica, a realidade marcada pelo domínio dos homens sobre as mulheres, durante o século XIX. A personagem principal dessa obra é uma mulher branca e educada para o casamento, mas perseguida pelas intenções incestuosas do próprio tio, que, primeiramente, alimentou o mesmo sentimento pela mãe de Úrsula, sua própria irmã.

A segunda obra publicada, o conto *Gupeva*, de temática indianista, foi publicada três vezes, em jornais da época: no *Jardim das Maranhenses*, em forma de folhetim em cinco capítulos, entre os anos de 1861 e 1862; no *Porto Livre*, em 1863; e no *Echos da Juventude*, em 1865 (Moraes Filho, 1975). Esse conto narra a história da índia Épica, que se apaixona por um marinheiro francês e, depois, descobre que ele é seu irmão. Na descrição de Cruz, Matos e Silva (2018), a mãe de Épica, que também se chamava Épica, apaixonou-se por um conde francês, durante uma viagem à França, quando acompanhava a indígena Paraguaçu – princesa do Brasil – em seu batizado. Após dar à luz a filha gerada da relação com o conde francês, Épica, a mãe, veio a falecer e deixou a criança – Épica filha – aos cuidados de Gupeva, o indígena com quem havia se casado. Gupeva, tendo presenciado o sofrimento de Épica (mãe), cultivou um desejo de vingança contra os franceses, concentrando esse ressentimento em Gastão, que, por coincidência, era filho do francês com quem Épica (mãe) se envolvera quando jovem, ou seja, ele era irmão de Épica, a filha. Na narrativa de Carvalho (2018a), após intenso confronto entre Gupeva e Gastão, fato que se transformou em um embate entre Brasil e França, a história culmina na trágica morte dos três protagonistas. Na interpretação de Zin (2019), a posição de cada personagem revela uma dinâmica particular: Gupeva, como representante dos indígenas, emerge como homem íntegro e benevolente; Épica, a mãe, é retratada como vítima da crueldade francesa; Gastão e o Conde simbolizam a nação colonizadora, desonrosa, em que a presença invasiva do colonizador francês é tão rejeitada pelos nativos quanto a do português. No cerne da narrativa está a desconstrução da ideia de que o colonizador no território brasileiro promoveu um encontro pacífico entre europeus e indígenas.

O romance *A escrava*, publicado em 1887 na *Revista Maranhense*, segundo Cruz, Matos e Silva (2018), dá voz à mulher escravizada e descreve a solidariedade entre negros, brancos e indígenas em luta contra a escravidão. Nessa obra, o registro de personagens do período escravagista – como o capitão do mato e o senhor de escravos – é retratado de maneira negativa e, ao mesmo tempo, destaca a presença marcante da mulher abolicionista. A protagonista da história é uma mulher corajosa que desafia com firmeza homens autoritários e violentos. Outra trama relatada é a de uma mulher escravizada que foge, desesperadamente, ao perder a sanidade, após ter seus filhos pequenos vendidos. Na época, tratar os escravizados, originários do continente africano, como mercadoria era uma prática vigente no território brasileiro.

A crítica ao escravismo e a determinada atitude de dar voz a personagens em condição de escravizada são tônicas nos dois romances de Maria Firmina: *Úrsula* e *A Escrava*. De acordo com Cruz, Matos e Silva (2018, p. 155), nessas obras “a autora aborda o sofrimento vivido por escravizados com a descrição de castigos físicos, falta de liberdade e, de forma muito contundente, privação da vivência familiar, sobretudo pela separação entre mães e filhos”.

A quarta obra, o livro de poesia *Cantos à Beira Mar*, foi publicada em 1871. Nos poemas, a escritora costumava revelar seu *eu-poético* e sua admiração pela natureza. O seu encontro consigo mesma se dava nas praias desertas, na meditação ao cair da tarde e na conclusão de que a alegria é efêmera, o que revela seu *eu* melancólico. Ela também descreve o amor como paixão funesta e o mundo como um espelho impassível, cruel (Simões, 2012). Apesar de todas essas críticas nas publicações, durante grande parte da sua vida, seus diversos poemas chegaram a público por meio da imprensa.

Em “Álbum”, seção do livro *Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida*, Morais Filho (1975) reúne partes de diários particulares da autora. Na parte intitulada “Resumo de minha vida”, é apresentado o relato:

Amo a noite, o silêncio, a harmonia do mar, amo a hora do meio-dia, o crepúsculo mágico da tarde, a brisa aromatizada da manhã; amo as flores, seu perfume me deleita; amo a doce melodia dos bosques; amo o afeto de uma mãe querida, as amigas de minha infância, de minha juventude, e sobre todas as coisas amo a Deus; e ainda assim não sou feliz, porque insondável me segue, me acompanha, esse querer indefinível (Morais Filho, 1975, p. 197).

É possível observar, tanto nos textos poéticos quanto nos seus romances, que Maria Firmina dos Reis aponta caminhos para a superação das desigualdades, para a solidariedade humana. A autora argumenta – a partir de princípios cristãos predominantes na sociedade do século XIX –, especialmente em seu romance *Úrsula* (Reis, 1859), que os cristãos têm a capacidade de superar as adversidades e enfrentar qualquer desafio, até mesmo a escravidão. Ela fundamenta sua luta pela abolição na crença de que todos são membros da mesma família, criados por um Pai em comum – portanto, todos são iguais. Esse mesmo desejo encontra-se claro em seus versos que compõem o Hino à Libertação dos Escravos:

Salve, Pátria do Progresso!
Salve! Salve Deus a Igualdade!
Salve! Salve o sol que raiou hoje,
Difundindo a Liberdade!

Quebrou-se enfim a cadeia
Da nefanda Escravidão!
Aqueles que antes oprimias,
Hoje terás como irmãos (Morais Filho, 1975, p. 232).

Nesses versos, Maria Firmina, que viveu os anos de abolição no País, retrata seu contentamento pela humanização daqueles que eram tidos como mercadoria e refere-se aos escravos como semelhantes, companheiros, irmãos. Oportuniza espaço de fala para quem nunca teve – ou que foi impedido de tê-lo. Nessa perspectiva, esse poema, a exemplo de *Úrsula* (Reis, 1859), rompe muitos obstáculos e estruturas, ao apresentar a questão da escravidão em uma narrativa não mais sob o olhar europeu, mas na perspectiva de afrodescendentes subalternizados. Nesse período, a ciência europeia contrapunha a ideia de igualdade entre brancos e negros defendida na obra de Maria Firmina dos Reis. No Brasil, Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) – também maranhense, médico e antropólogo – foi um dos responsáveis por uma das mais importantes publicações médicas do País no estado da Bahia e por escritos sobre medicina legal (Rodrigues, 2015), com estudos que reverberavam a ciência eurocêntrica. Segundo Moura (2019, p. 40), Nina Rodrigues era “embebido e deslumbrado pela ciência oficial europeia que predominava da época e vinha para o Brasil, via o negro como biologicamente inferior, transferindo para ele as causas do nosso atraso social”. Na época, de acordo com Chaves (2003), o racismo científico manifestava-se homogeneamente no País, e só começa a perder força na década de 1930, a partir de novas pesquisas. Moura (2019) e Chaves (2003) evidenciam o racismo na contemporaneidade, mas agora transformado, reformulado em diferentes máscaras em práticas sociais ideológicas compatíveis com as elites políticas.

Na dinâmica escolar atual, as disparidades específicas da sociedade plural em que vivemos não podem mais ser ignoradas. É exatamente a escola que pode e deve se constituir em importante espaço de superação das representações negativas referentes ao negro ainda presentes na sociedade brasileira. Segundo Moreira (2001, p. 41), a “pluralidade de culturas, etnias, religiões, visões de mundo e outras dimensões das identidades infiltram-se, cada vez

mais, nos diversos campos da vida contemporânea”. Nessa perspectiva, não é mais possível desvincular o processo educacional de todas as demais manifestações culturais presentes em uma sociedade.

A escola, constituída como lugar em que se produz conhecimento, é um espaço para discussão sobre a importância do uso de variadas fontes de estudo. Uma proposta de contextualização no ensino de ciências é a utilização do romance *Úrsula* (Reis, 1859), rica fonte de conhecimentos histórico-culturais de caráter humanizador, que apresenta uma visão de escravo como ser humano. A escritora, corajosamente, debruçou-se a escrever – apesar das dificuldades que a sociedade brasileira do século XIX impunha às mulheres e às pessoas negras – e driblou as agruras de seu tempo, ao publicar a obra no anonimato. O romance, singular por ter sido escrito por uma mulher de ascendência africana, evidencia a desigualdade enfrentada pelas mulheres, por africanos e seus descendentes sob o regime patriarcal. Uma obra que evidencia a cientistas a sabedoria e a inteligência de uma mulher negra que desmascara qualquer ciência que intencione provar o contrário.

Para promover reflexão sobre o pensamento antiescravista de Reis (1859), olha-se para o primeiro capítulo de *Úrsula*, como possibilidade de referência para o desenvolvimento de um trabalho pedagógico com o objetivo de promover uma educação étnico-racial no ensino de ciências. O intento é estimular e valorizar a diversidade étnico-racial, que se faz presente na sociedade atual, e levar à superação de estereótipos de inferioridade, especialmente, na área das ciências da natureza. A partir dessa compreensão e de acordo com Verrangia e Silva (2010, p. 713),

o trabalho pedagógico deve contar com uma análise crítica pautada em conhecimentos sólidos das Ciências Naturais (genética, evolução etc.) e também das Ciências Humanas (sociologia, antropologia etc.). Nesse sentido, podem ser abordados aspectos específicos da evolução humana, como a origem africana da humanidade, a formação dos grupos étnico-raciais e a evolução de caracteres como a cor da pele, entre outros. [...] estímulo à crítica, pautada em conhecimentos científicos, às falsas ideias sobre superioridade/inferioridade biológica/ intelectual de certos grupos étnico-raciais em relação aos outros.

A obra de Maria Firmina estimula uma reflexão crítica – pautada na ciência – sobre a farsa de superioridade científica dos brancos e sobre quaisquer outros pontos de vista, que ainda persistem na sociedade brasileira.

Duas almas generosas

Em *Úrsula*, Reis (1859) apresenta uma narrativa em forma de romance e utiliza a trajetória feita no elóquio romântico para manifestar um discurso antiescravista. No primeiro capítulo, intitulado “Duas almas generosas”, a escritora enfatiza a igualdade das raças e propõe a quebra dos obstáculos que separam os dois mundos desiguais: o dos senhores (dominadores) e o dos cativos (dominados), como o escravo Túlio, jovem de sangue africano, digno e de coração bondoso, descrito em sua primeira aparição:

O homem que assim falava era um pobre rapaz, que ao muito parecia contar vinte cinco anos, e que na franca expressão de sua fisionomia deixava adivinhar toda a nobreza de um coração bem formado. O sangue africano refervia-lhe nas veias; o mísero ligava-se à odiosa cadeia da escravidão; e em balde o sangue ardente que herdara de seus pais, e que o nosso clima e a servidão não puderam resfriar, em balde - dissemos – se revoltava; porque se lhe erguia como barreira - o poder do forte contra o fraco! (Reis, 1859, p. 13).

Reis (1859, p. 13-14) compõe uma narrativa com elocução de igualdade entre as raças e prega fortemente um discurso antiescravista:

Ele entanto resignava-se; e se uma lágrima a desesperação lhe arrancava, escondia-a no fundo da sua miséria. Assim é que o triste escravo arrasta a vida de desgostos e de martírios, sem esperança e sem gozos! Oh! Esperança! Só a têm os desgraçados no refúgio que a todos oferece a sepultura!... Gozos!...só na eternidade os anteveem eles! Coitado do escravo! Nem o direito de arrancar do imo peito um queixume de amargurada dor!!... Senhor Deus! Quando calará no peito do homem a tua sublime máxima - ama a teu próximo como a ti mesmo - e deixará de oprimir com tão repreensível injustiça ao seu semelhante!...a aquele que também era livre no seu país...aquele que é seu irmão?! E o mísero sofria; porque era escravo, e a escravidão não lhe embrutecera a alma; porque os sentimentos generosos, que Deus lhe implantou no coração, permaneciam intactos, e puros como a sua alma. Era infeliz; mas era virtuoso; e por isso seu coração enterneceu-se em presença da dolorosa cena, que se lhe ofereceu à vista.

Nesse forte excerto, a autora expõe seu desejo de amor ao próximo, de ações humanitárias; e a necessidade de enxergar o outro com justiça e igualdade. Coloca o escravo e o mancebo em unidade, como “duas almas generosas” (Reis, 1859, p. 7) – o jovem escravo Túlio e o jovem branco e rico Tancredo. Para a escritora, o que causava a separação dos mundos era exatamente a cadeia odiosa da escravidão, que, no entanto, não tirou do escravo Túlio a humanidade e a nobreza de coração e o sentimento pelo outro, posto em sua fala: “Que ventura podê-lo salvar!” (Reis, 1859, p. 13), proferida quando, em encontro com o mancebo Tancredo, que sofre um acidente, tem a oportunidade de lhe salvar a vida e demonstrar que é, sim, uma vítima da escravidão, mas jamais um algoz do homem branco.

O moço virtuoso e de bom coração, Túlio, também era um escravo resignado, fiel e humilde. Embora estivesse sempre atento às determinações do seu superior, demonstrava preocupação com o outro que, como ele, vivia na mesma condição de escravo, fato observado na passagem em que o jovem Tancredo pergunta como poderia recompensá-lo por ter sido salvo da queda do cavalo:

– Ah! Meu senhor – exclamou o escravo enternecido – como sois bom! Continuai, eu vô-lo suplico, em nome do serviço que vos presto, e a que tanta importância quereis dar, continuai, pelo céu, a ser generoso, e compassivo para com todo aquele que, como eu, tiver a desventura de ser vil e miserável escravo! Costumados como estamos ao rigoroso desprezo dos brancos, quanto nos será doce vos encontrarmos no meio das nossas dores! Se todos eles, meu senhor, se assemelhassem a vós, por certo mais suave nos seria a escravidão (Reis, 1859, p. 19).

Nessa passagem, a romancista evidencia a boa alma e o bom caráter do escravo, talvez como uma maneira de desmistificar e desconstruir a imagem difundida pelos senhores brancos, que conceitua os negros como sem valor, preguiçosos e malvados. Nesse excerto anterior, a escritora constrói um Túlio resignado, que manifesta seu desejo de que os escravos sejam merecedores de melhor tratamento e, conseqüentemente, da liberdade. O escravo Túlio, comprado por Tancredo, é, em seguida, alforriado como forma de agradecimento pela bondade manifestada ao salvar a vida do seu senhor – uma demonstração de que o próprio Tancredo é antiescravista, como mostra o trecho:

– Cala-te, oh! Pelo céu, cala-te, meu pobre Túlio – interrompeu o jovem cavaleiro – dia virá em que os homens reconheçam que são todos irmãos. Túlio, meu amigo, eu avalio a grandeza de dores sem lenitivo, que te borbulha na alma, compreendo tua amargura, e amaldiçoo em teu nome ao primeiro homem que escravizou a seu semelhante. Sim – prosseguiu - tens razão; o branco desdenhou a generosidade do negro, e cuspiu sobre a pureza dos seus sentimentos! Sim, acerbo deve ser o seu sofrer, e eles que o não compreendem!! Mas, Túlio, espera; porque Deus não desdenha aquele que ama ao seu próximo... E eu te auguro um melhor futuro. E te dedicaste por mim! Oh! Quanto me hás penhorado! Se eu te pudera compensar generosamente... Túlio-

acrescentou após breve pausa - oh dize, dize, meu amigo, o que de mim exigis; porque toda a recompensa será mesquinha para tamanho serviço (Reis, 1859, p. 18).

No desejo de reconhecimento de que os homens sejam todos irmãos e iguais, esse discurso antiescravista expressa a separação existente entre branco e negro como fruto da nefanda escravidão; traz a esperança de uma possível superação demonstrada pela generosidade do jovem Tancredo ao reconhecer Túlio como amigo; e execra, em seu nome, o primeiro homem que escravizou seu semelhante. Túlio compreende o quanto a escravidão é injusta, reflete sobre a bondade do seu novo amigo – o primeiro branco a lhe dirigir palavras doces, gesto que faz seu coração transbordar de felicidade e de reconhecimento – e inicia a viagem de um pensar livre e infinito em sua sublime região impenetrável, até então, seu único lugar de liberdade: os seus pensamentos e devaneios. A bondade atribuída a Tancredo pode refletir uma forma de a escritora representar a esperança de o homem branco se tornar digno de reconhecer o erro em escravizar o negro, mas também uma forma de tornar possível a divulgação de suas ideias antiescravagistas em meio ao domínio do modelo universal da elite branca.

Toda a narrativa do romance *Úrsula* (Reis, 1859) é marcada por um forte discurso antiescravista, fato construído desde o primeiro capítulo, o que possibilita conceituar a autora como pessoa humana, defensora da igualdade entre brancos e negros, dona de espírito fraternal e de um pensamento decolonial quando analisado pela perspectiva defendida por Walsh (2019) e Quijano (2005). Na citação de Gonzaga (2021, p. 125), “a concepção decolonial assume o desafio de estabelecer atalhos que sugestionam a rebeldia e a resistência por sugestionar alternativas fronteiriças quando se trata de assegurar a pluralidade e a diferença”. A obra de Maria Firmina dos Reis é um posicionamento de resistência, de luta contra a opressão e sobreposição sofrida pelos afrodescendentes em sua condição de escravos. Ela valeu-se de seu talento de escritora para denunciar todas as formas de injustiças e sujeições contra os afrodescendentes.

Uma explanação sobre o olhar romântico de Maria Firmina articulado à perspectiva do ensino de ciências antirracista, como proposição pedagógica, tem por finalidade evidenciar a importância da participação dos africanos e dos afrodescendentes em estudos das Ciências Naturais. Nesse ponto, de acordo com Verrangia e Silva (2010, p. 713), “essas abordagens devem se ater à representação da população africana e afrodescendente, quase nunca positiva e menos ainda no campo das Ciências, no qual os cientistas negros raramente são reconhecidos e valorizados”. Discriminado e marginalizado pela cultura espoliadora imposta pelo colonizador parasita, o negro consegue ser resistência a toda violência escravagista, desde seus primórdios no Brasil, a exemplo da obra de Maria Firmina.

VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NA IDENTIDADE BRASILEIRA

As narrativas de Maria Firmina a situam como escritora e poetisa nas principais características do romantismo, que exalta a valorização da natureza como proposta de formação de uma identidade brasileira. O romantismo brasileiro consubstanciava-se a partir da natureza, que se sustentava no ideal poético de naturalidade, originalidade e identidade como elementos inspiradores (Ricupero, 2004). Esses elementos são evidentes no romance *Úrsula* (Reis, 1859, p. 9-10), como na descrição primorosa da natureza e do espaço, com exaltação às belezas naturais do País:

[...] em uma risonha manhã de agosto, em que a natureza era toda galas, em que as flores eram mais belas em que a vida era mais sedutora – porque toda respirava amor –, em que a erva era mais viçosa rociada, em que as carnaubeiras outras tantas atalaias ali disposta pela natureza, mais altivas, e mais belas se ostentavam, em que o axixá com seus frutos imitando purpúreas estrelas esmaltava, a passagem, um jovem cavaleiro melancólico; e como que exausto de vontade atravessando porção de um majestoso campo, que se dilata nas planuras, de uma das melhores

províncias do norte, deixava-se levar ao através dele por um alvo indolente ginete. Longo devia ser o espaço que havia percorrido; porque o pobre animal, desalentado, mal cadenciava os pesados passos.

A valorização dos aspectos naturais é percebida logo no início do primeiro capítulo, na frase “são vastos e belos os nossos campos” (Reis, 1859, p. 7), em que se constata um misto de emoção e espiritualidade, capaz de levar o leitor ao mundo da imaginação e a se colocar como parte da paisagem descrita. A natureza é revelada em conotação com a luz do sol e/ou da lua e das estrelas e desperta o amor, a meiguice e a suprema necessidade de viver em harmonia com ela e com toda a diversidade existente.

A protagonista da obra, a jovem Úrsula, tem na natureza o seu lugar de refúgio e encontro consigo mesma. É envolta no verde – sentindo a brisa e ouvindo o canto dos pássaros – que consegue encontrar seu bem-estar. A donzela, chamada por seu amado Tancredo de a “mimosa filha da floresta” (Reis, 1859, p. 36), em seus momentos de reflexão e angústia, encontra na natureza consolo e oportunidade de fuga dos problemas que a afligem, em uma profunda conexão em que o ambiente é o elo entre o ser terreno e os seres divinos.

A narradora, Maria Firmina dos Reis, mostra-se imersa em seu ideal romântico de paisagem natural e exalta a harmonia entre si e a natureza – ela expõe sua verdadeira identidade de respeito, valorização e reflexão ao buscar reconstruir e construir representações positivas sobre o negro, sua história e sua cultura. A escritora expressa sua forma de ver e ensinar a ver o mundo com o olhar do cuidado e da sensibilidade, característica também presente na sua pedagogia de professora e necessária para o ensino de ciências em uma abordagem antirracista, que desperta para a valorização e o reconhecimento da cultura, da história africana e afrodescendente. Ao conhecer Maria Firmina dos Reis, podem-se reparar danos, criar uma identificação positiva dos estudantes negros com seus antepassados e compreender que “estudos referentes à cultura afro-brasileira não dizem respeito apenas à população negra, mas sim a todos(as) os(as) brasileiros” (Jesus; Araújo; Cunha Junior, 2013, p. 162). Essa é a lição deixada pela professora e escritora atemporal, ativista nas causas ambientais, na luta pela igualdade de gênero, contra as ideologias racistas e preconceituosas.

Almeja-se que, a partir do conhecimento e da consciência construídos – a começar pelas leituras deixadas por Maria Firmina – e efetivados nos espaços escolares, o diálogo entre o conhecimento científico ocidental e os conhecimentos tradicionais de raiz africana e afro-brasileira seja tratado com criticidade e reflexão.

Verrangia e Silva (2010, p. 715) sugerem

a elaboração de atividades de ensino que abordem, sob a ótica cultural das populações tradicionais africanas e afro-brasileiras, o estudo: da vida; dos fenômenos naturais; dos animais; das plantas; das relações entre formas vivas e não vivas; da saúde; da produção de alimentos; entre outros. Tais atividades podem diferenciar tais conhecimentos daqueles produzidos pelas Ciências Naturais, mas com a intenção de valorizá-los enquanto patrimônio cultural mundial.

Apresentar elementos próprios de matriz africana e afrodescendente tem o intuito de estimular os estudantes a conhecerem mais detalhadamente as perspectivas culturais africanas e afro-brasileiras, visando a um ensino que prime pela valorização da diversidade cultural e pela compreensão da função das ciências, o que envolve, por exemplo, a busca por apreender a realidade vivenciada. Essas perspectivas podem auxiliar no efetivo reconhecimento da identidade brasileira, ao incluir a população afro-brasileira que luta pelo conhecimento de culturas milenares, para que possam permanecer vivas – e sejam conhecidas e reconhecidas pelas gerações futuras.

As narrativas sobre as pessoas negras afro-brasileiras, em geral, elas não são consideradas como sujeitos históricos. Por isso, é importante questionar sobre qual educação em ciências está sendo privilegiada e demarcada “espaço-temporalmente em livros, artigos científicos, cartilhas, notas históricas e nas narrativas elaboradas em museus de ciências” (Alves-Brito; Macedo, 2022, p. 402), tendo em vista revisar conceitos constituídos por pessoas marginalizadas, como os afro-brasileiros. A história da ciência e o ensino de ciências necessitam ser considerados a partir da diversidade étnico-racial, na perspectiva de evitar a *globalização*, que é uma forma de a classe dominante manter projetos de colônias e o racismo estrutural como forma de manter as relações de poder, especialmente nas ciências (Alves-Brito; Macedo, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo deu foco ao legado de Maria Firmina dos Reis, que utilizou sua obra para defender negros e mulheres da escravidão e denunciar a exploração dos dominadores escravocratas e patriarcalistas. Considerada a época vivenciada, o teor da sua escrita – apresentada de forma discreta e, por vezes, camuflada – insurgia-se contra o abuso da escravidão e do preconceito étnico, ideais que, mais de um século depois, ainda carecem de serem levados para a sala de aula e abordados – com ênfase no ensino de ciências – nas disciplinas curriculares, para que questões como *identidades* sejam compreendidas sem prejulgamentos, intolerâncias e preconceitos.

Para compreender o pensamento e a essência da escritora Reis, enfrenta-se uma tarefa desafiadora, dada a impossibilidade de dimensionar a grandeza de seu espírito de humanidade, sua sabedoria e sua tamanha bondade. Foi uma mulher admirável que transcendeu o seu tempo e se apropriou da literatura e de sua capacidade criativa para questionar a postura dos senhores de engenho e a hipocrisia colonialista cristã, que pregava ensinamentos divinos aos colonizados, enquanto os explorava e escravizava.

Maria Firmina construiu para si mesma um espaço na literatura afro-brasileira, um lugar de fala, sempre na tentativa de transcender os padrões e as barreiras impostas pela sociedade conservadora e escravocrata. Usou sua escrita como um instrumento de crítica à escravidão e, por meio da humanização de personagens escravizados, revelou uma atitude destemida e corajosa, sua principal característica. Ela soube de forma habilidosa dar espaço à negritude escravocrata, em seus diversos personagens, como no romance *Úrsula*, em que descreveu as (in)condições de sobrevivência dos escravizados e expressou sua revolta em relação ao sistema ao qual estavam confinados. No testemunho absorto de Túlio, um dos principais personagens desse romance, torna-se explícita a indignação pelo sistema escravagista:

O que é senhor, o que é livre, tem segura em suas mãos ambas a cadeia, que lhe oprime os pulsos. Cadeia infame e rigorosa, a que chamam escravidão? E, entretanto, este também era livre, livre como o pássaro, como o ar; porque no seu país não se é escravo. Ele escuta a nênia plangente de seu pai, escuta a canção sentida que cai dos lábios de sua mãe, e sente como eles, que é livre; porque a razão lhe diz, e a alma o compreende. *Oh, a mente! Isso sim ninguém a pode escravizar!* Nas asas do pensamento o homem remonta-se aos ardentes sertões da África (Reis, 1859, p. 27-28, grifo próprio).

Nesse trecho, mostrou-se o que de mais obscuro decorre na mente do escravo, e, nesse lugar, seu pensamento não está preso ou acorrentado, pois se trata da *mente*, e só ali é possível se sentir livre, só ali é possível pensar, repensar e sonhar sem amarras ou açoites e se reportar à terra natal onde se vivia a liberdade. Por conseguinte, refletir sobre a frase “Oh, a mente! Isso sim ninguém a pode escravizar” (Reis, 1859, p. 28) é perceber o tamanho e a profundidade do pensamento, da consciência e da ciência da professora e escritora Maria Firmina dos Reis. A defensora da valorização das identidades e das diversidades e do respeito a esses conceitos

compreendeu a importância do seu posicionamento para o seu tempo e para além dele. Considera-se, ainda, o legado de valores humanos deslindados em suas obras, o que propõe um empoderamento e desperta para a percepção da sociedade com olhar questionador. Esse olhar, quer seja para a sociedade escravocrata do seu tempo, quer seja para a sociedade democrática, racista, desigual e preconceituosa dos tempos atuais, precisa ser discutido nos espaços escolares, a partir dos componentes curriculares, como no ensino de ciências. A possibilidade de articular a educação em ciências com as relações étnico-raciais pode viabilizar a efetivação de métodos educativos focados na formação para a cidadania e contribuir para que ela aconteça.

REFERÊNCIAS

- ALVES-BRITO, Alan; MACEDO, José Rivair. A história da ciência e a educação científica pelas perspectivas ameríndia e amefricana. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 400-417, 2022. Disponível em: <https://rbhciencia.emnuvens.com.br/revista/article/view/804>. Acesso em: 12 dez. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Ciências Naturais/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ciencias.pdf> Acesso em: 17 out. 2023.
- BRASIL. Presidência da República. **Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 17 out. 2023.
- BRASIL. Presidência da República. **Lei n.º 11.645, de 10 março de 2008**. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília: Presidência da República, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm Acesso em: 17 out. 2023.
- CARVALHO, Jéssica Catharine Barbosa de. Gupeva e cantos à beira-mar: das possibilidades de sempre (re)descobrir Maria Firmina dos Reis. **literafro**. 2018a. *Online*. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/poesia/1042-maria-firmina-dos-reis-gupeva-e-cantos-a-beira-mar> Acesso em: 8 jan. 2024.
- CARVALHO, Jéssica Catharine Barbosa de. **Literatura e atitudes políticas**: olhares sobre o feminino e antiescravismo na obra de Maria Firmina dos Reis. 2018. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018b.
- CHAVES, Evenice Santos. Nina Rodrigues: sua interpretação do evolucionismo social e da psicologia das massas nos primórdios da psicologia social brasileira. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 2, p. 29-37, 2003. Disponível em: Acesso em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/fH5YnV4rW9xY9T6xhfgWzXt/> Acesso em: 20 dez. 2024.
- COSTA da Mina. O Arquivo Nacional e a história luso-brasileira. 22 nov. 2021. Disponível em: https://historialuso.an.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6099:costa-da-mina&catid=2071&Itemid=121 Acesso em: 20 dez. 2024.
- CRUZ, Mariléia dos Santos; MATOS, Érica de Lima de; SILVA, Ediane Holanda. “Exma. Sra. d. Maria Firmina dos Reis, distinta literária maranhense”: a notoriedade de uma professora afrodescendente no século XIX. **CEMOrc-Feusp**, Barcelona, p. 151-166, set./dez. 2018. Disponível em: <http://www.hottopos.com/notand48/151-166Marileia.pdf>. Acesso em: 8 jan. 2024.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afrobrasileira. Posfácio. *In*: REIS, M. F. dos. **Úrsula (romance); A escrava (conto)**. Florianópolis: Mulheres; Belo Horizonte: PUC-Minas, 2009. p. 263-279.

- FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afrodscendente**: identidade em construção. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2000.
- GOMES, Agenor. **Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil**. São Luís: Academia Maranhense de Letras, 2022.
- GONZAGA, Álvaro de Azevedo. **Decolonialismo indígena**. São Paulo: Matrioska, 2021.
- JESUS, Regina de Fatima de; ARAÚJO, Mairce da Silva; CUNHA JÚNIOR, Henrique. **Dez anos da Lei nº 10.639/03**. Memórias e perspectivas. Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará, 2013.
- MARANHÃO. Governo do Estado. Secretaria de Estado do Turismo. **Polo Floresta dos Guarás**. 2022. Online. Disponível em: <https://turismo.ma.gov.br/programas-ou-campanhas/polo-floresta-dos-guaras>. Acesso em: 17 out. 2023.
- MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772>. Acesso em: 12 jun. 2023.
- MILLER, Joseph C. África Central durante a era do comércio de escravizados, de 1490 a 1850. In: HAYWOOD, Linda M. (org.). **Diáspora negra no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017, p. 39-120.
- MORAIS FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida**. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975.
- MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. Currículo, cultura e formação de professores. **Revista Educar**, Curitiba, n. 17, p. 39-52, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/3g4w8HwbP8XSHVq9qzNDXJp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 jun. 2023.
- MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- MÜLLER, Fernanda; FRANÇA, George Luis; COSTA, Gláucia Dias da; SOUTO-MAIOR, Lara Duarte. Práticas antirracistas na educação básica. **SobreTudo**, v. 12, n. 2, ed. especial, 2021. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/sobretudo/article/view/5163>. Acesso em: 11 jan. 2024.
- MUNIZ, Gisselly Poliana Santos; FERREIRA, Antonio José de Araújo. Turismo e uso do território no polo Floresta dos Guarás (2000 e 2011). **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 21, n. esp., p. 179-191, 2014. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/2613>. Acesso em: 17 out. 2023.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. Maria Firmina dos Reis. In: MUZART, Z. L. (org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**. Florianópolis: Mulheres, 2000.
- NASCIMENTO, Juliano Carrupt do. **O negro e a mulher em Úrsula de Maria Firmina dos Reis**. Rio de Janeiro: Caetés, 2009.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.
- REIS, Maria Firmino dos. **Úrsula, romance original brasileiro**. Por uma maranhense. São Luís: Typographia do Progresso, 1859.
- RICUPERO, Bernardo. **O romantismo e a ideia de nação no Brasil (1830-1870)**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 287 p. (Coleção Temas Brasileiros).
- RODRIGUES, Marcela Franzen. Raça e criminalidade na obra de Nina Rodrigues: Uma história psicossocial dos estudos raciais no Brasil do final do século XIX. **Estudo e Pesquisa em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 15, n.3, p. 1118-1135, 2015. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812015000300019. Acesso em: 22 jan. 2024.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKER, P. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 63-96.

SILVA, Joaklebio Alves da; ARAÚJO, Monica Lopes Folena. Por uma pedagogia antirracista no ensino de Ciências: discussões acerca da Educação das Relações Étnico-Raciais no processo formativo de professores/as de Biologia. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 16, n. 3, p. 525–554, 20 nov. 2023. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/21157>. Acesso em: 23 mar. 2024.

SIMÕES, Bárbara. Programa Nacional de Apoio à Pesquisa. **A escrita de Maria Firmina dos Reis: soluções para um problema existencial**. Brasília: Fundação Biblioteca Nacional – Ministério da Cultura, 2012.

SOUSA, Deusa Maria de; SILVA, Clemerson Santos da; SANTOS, Rosicleide Marciel dos. O ensino de ciências naturais e a construção de um currículo educacional antirracista na escola Bernardino Pereira de Barros, Abaetetuba-PA. **Revista Insignare Scientia**, Cerro Largo, v. 3, n. 4, p. 212-231, 20 nov. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrs.edu.br/index.php/RIS/article/view/11815> Acesso em: 11 jan. 2024.

VERRANGIA, Douglas. Educação científica e diversidade étnico-racial: o ensino e a pesquisa em foco. **Interacções**, Santarém, v. 10, n. 31, p. 2-27, 2014. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/6368>. Acesso em: 17 out. 2023.

VERRANGIA, Douglas; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Cidadania, relações étnico-raciais e educação: desafios e potencialidades do ensino de Ciências. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 705-718, set./dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/wqb8HvXMVG8C8KD7hKn5Tms/> Acesso em: 24 out. 2023.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e decolonialidade do poder um pensamento e posicionamento “outro” a partir da diferença colonial. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito de Pelotas**, Pelotas, v. 5, n. 1, p. 6-38, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/revistadireito/article/view/15002>. Acesso em: 10 jan. 2023.

ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista**. São Paulo: Aetia, 2019.

Submetido em: 25/09/2024.

Aprovado em: 30/04/2025.